

O Novíssimo Cinema Latino-Americano da 38ª Mostra de Cinema de SP

A Mostra de Cinema Internacional de São Paulo de 2014 foi provavelmente a edição mais latina da história do evento e o idioma espanhol, o mais falado. Os filmes do espanhol Victor Erice foram destaque, e a Espanha foi o país homenageado. Pedro Almodóvar criou o pôster da mostra e ganhou retrospectiva. Mas a América Latina de fala hispânica, embora sem ganhar nenhum prêmio em especial, conquistou uma visibilidade que não se via há muito tempo. O longa argentino “Relatos Selvagens” (Argentina, Espanha) abriu o evento, que foi encerrado com o dominicano “Dólares de Areia” (República Dominicana, Argentina, México), de Ismael Cárdenas e Laura Amelia Guzmán. Foram 25 filmes latino-americanos, sendo 3 documentários, de países como Argentina, Uruguai, Costa Rica, República Dominicana, Venezuela, Colômbia, Peru, México, e de Porto Rico, na verdade um estado dos EUA. A maioria foi realizada em coprodução com países da região, e ainda com a França, Estados Unidos, Espanha, e Brasil. Desta forma, esta edição possibilitou uma perspectiva panorâmica de tendências do que vem sendo nomeado como o Novíssimo Cinema Latino-Americano.

A diversidade de estilos e propostas estéticas foi uma característica predominante, mas sem dúvida prevaleceu o cinema feito para grandes audiências sobre o experimental. Dramédias, humor negro, thrillers de suspense, policiais e documentários, todos os gêneros estavam lá, dos ensaísticos como o argentino “Jauja”, de Lizandro Alonso, e o uruguai “Os Inimigos da Dor” (Brasil-Uruguai), de Aráuco Hernandez, aos taquilleros ou tiqueteros “Relatos Selvagens” (Argentina-Espanha), de Damián Sziffrón, “As Vacas com Óculos” (Porto Rico), de Alex Santiago Perez, e “3 Belezas” (Venezuela), de Carlos Caridad Montero. A heterogeneidade, no entanto, tem algo em comum. As coproduções não significam mais apenas uma equipe internacional, mas roteiros e tramas que dialogam com este novo mundo, o da desterritorialização em tempos de economia global, das migrações, do subemprego. À exceção de Alonso, que trabalha esse registro numa visão que transcende a contemporaneidade, os protagonistas dos filmes pertencem às sociedades pós-modernas. Em cena, personagens errantes, que perderam o vínculo com a sua origem, com o seu passado, mas não conseguiram conquistar uma nova identidade nesta nova ordem, e vagam à procura de novos afetos, buscam novos sentidos para a existência. O certo é que não existe, no entanto, uma única forma de chegar lá.

Para os velhinhos de “O Ultimo Trago” (México), em sua derradeira tequila, a saída é uma comédia de costumes que desanda em road movie, com um hilariante personagem catalão que é contra a matança de touros. Perdidos como ele estão a francesa Anne (Geraldine Chaplin), de “Dólares de Areia”, o ator alemão (Felix Marchand) que vai a Montevideo em busca de um amor perdido em “Os Inimigos da Dor”, o jovem adolescente Armando (Ignacio Montes) que

sai de Madri em busca do reconhecimento do pai homossexual em “Azul e não tão Rosa” (Venezuela, Espanha), ou a jovem brasileira cuja amizade é disputada na escola em “Juana aos 12” (Argentina). A metáfora do estrangeiro se presta a uma reflexão sobre a solidão e a incomunicabilidade em meio a esta Babel, mas também se refere a conquistas. Sentir-se estrangeiro é dispor-se a sair da sua zona de conforto, tentar compreender o outro, lançar-se ao mar.

Tradição versus pós-modernidade - O tema do rito de passagem da adolescência para a vida adulta, não por acaso, também foi recorrente em mais de um filme. Em “Ciências Naturais” (Argentina), de Matías Lucchesi, uma adolescente, Lila (Paula Galineli Hertzog), quer conhecer o pai, cuja identidade lhe foi negada pela mãe, e para isso empreende a sua viagem particular, acompanhada da professora de Biologia, Jimena (Paola Barrientos), e seguem estrada afora, até encontrá-lo. O excelente Mateo (Colômbia), de María Gamboa, sobre a vida de jovens em uma comunidade de risco colombiana, mostra as peripécias de um adolescente de 16 anos, interpretado por Carlos Hernández, que faz parte de um grupo de criminosos da região, liderados pelo tio, e é por ele encarregado de espionar as atividades de um grupo de teatro liderado por um padre. Ele entra no grupo, e acaba em crise com os valores da sociedade machista, que se configura na imagem do tio, descobre a poesia, o amor, e novas perspectivas a partir da vivência no grupo.

A xenofobia, a intolerância, machismo, patriarcalismo e homofobia, são temas abordados nos filmes. Em “Por um punhado de plumas” (Costa Rica), a relação de Chalo (Allan Cascante) com seu galo Rocky (homenagem ao personagem de Stallone), representação emblemática da virilidade masculinidade, é crucial para ele se livrar de um emprego estressante de vigia e de uma vida afetiva insossa. Embora o objetivo de Chalo seja criar Rocky para participar das rinhas de galo e enriquecer, fica claro nas primeiras tomadas que vai ser difícil para ele expor seu querido animal de estimação a uma luta. A questão de gênero ganha destaque em “Azul e não tão Rosa”, de Miguel Ferrari, que ganhou o Goya 2014 na categoria Iberoamericana. O amante do fotógrafo Diego (Guillermo García), Fabrizio, é atacado por uma gangue homofóbica e morre. Além do preconceito, Diego tem de lidar ainda com o filho adolescente, que regressa depois de anos para uma visita, e sua família. O filme perde um pouco por conta de sua excessiva militância, da preocupação em passar uma mensagem, sobretudo com a personagem travesti, Delírio, interpretada pela atriz cubana Hilda Abrahamz, mas tem atuações e diálogos interessantes.

O recurso de colocar atores amadores trabalhando com profissionais está presente em algumas produções como parte de um projeto estético definido de cinema de autor e de gênero, e contribui para garantir verossimilhança e autenticidade em “Mateo”, em que a comunidade do

Rio Magdalena participa ativamente, e em “Dólares de Areia”, com a garota de programa Noelí (Yanet Mojica), a amada de Anne, que nunca tinha atuado. Mas a distância entre a atuação de Geraldine Chaplin e a de Noelí acaba por transformar o filme no registro de mundos que caminham paralelos.

Com ou sem bandeiras explícitas de crítica social, o que vemos são narrativas que estão preocupadas em contar uma boa história. Mas a ideia do mal como intrínseco à organização social é muito forte. Exemplo é o drama policial *Betibú* (Argentina, Espanha), de Michel Cohen, que traz um excelente trio de atores, Mercedes Morán (Nurit Iscar/Betibú), Alberto Fanego (Jaime Brena) e Alberto Ammann (Mariano Saraiva), que representa como poucos a crise no mercado da comunicação. A relação de Nurit, escritora de policiais *noir* que caiu no ostracismo e virou *ghost writer*, com Alberto, um jornalista da velha guarda que foi deixado de lado na redação, e Mariano, a nova geração no jornalismo, é tão ou mais interessante do que cadáveres e enigmas. Unidos, e não por mero acaso, como vamos descobrir, eles vão investigar um crime: a morte de um rico empresário, Pedro Chazarreta. Neste percurso, eles se deparam com uma corporação que domina tudo e se encontra presente em todos os estratos sociais. O gênero policial sempre foi sucesso garantido num país que tem um vínculo forte com as narrativas criminais, tanto na literatura, quanto no cinema, e que renderam êxitos em diversos períodos da história, inclusive recentemente em “Tese sobre um Homicídio”, em que Ammann faz o estudante de Bernardo (Darín), suspeito de ser um serial killer.

Individualidades e nacionalismo – Os protagonistas das histórias não foram elaborados com a função de promover uma identificação, mas têm a função de narrar seu tempo, tecer o painel de uma nova era, de instabilidades e incertezas. Os dramas pessoais ilustram a forma como as pessoas se relacionam com a realidade. As capitais latino-americanas como Buenos Aires, Caracas, México, San Juan de Porto Rico, outrora descritas como destinos turísticos paradisíacos, hoje são as cidades paranóicas, como bem observou Nestor Garcia-Canclini. Em vez de imagens oníricas, cidades decadentes, desemprego, insegurança, violência.

Neste sentido três filmes se destacaram quanto proposta: as comédias negras “Relatos Selvagens” e “3 Belezas”, e o drama “As Vacas com Óculos”. A comédia de humor negro “Relatos Selvagens”, terceiro longa de Damián Szifron, diretor argentino mais conhecido por seus trabalhos em televisão (as franquias de suspense Los Simuladores e Hermanos y Detectives) narra 6 episódios que questionam a burocratização da vida moderna, a corrupção do Estado e a inversão de valores – a verdade pode ser menos lucrativa e desejável do que a mentira como se constata no episódio envolvendo o jovem herdeiro que atropela e mata uma mulher grávida. O engenheiro Bombita, personagem de Ricardo Darín, usado no pôster do filme, perde para o de Romina (Erica Rivas), a noiva impagável e descontrolada que descobre

que o noivo tem um caso no trabalho. Obsessiva por vingança, ela estrangula a amante e faz sexo com o cozinheiro na festa de seu casamento. Durante a divulgação do filme na Argentina, neste ano, o cineasta foi processado por fazer “apologia ao delito” em um programa de televisão por conta de suas declarações. A temática lembra filmes de Joel Schumacher como “Um Dia de Fúria” (1993) – a exclusão sistemática promovida pelo sistema levam o cidadão comum a cometer transgressões e crimes.

Em “3 Belezas”, Perla (Diana Peñalver) faz uma mãe fanática por concursos de beleza, que não hesita em destruir a vida dos filhos para alcançar seus intentos. As duas filhas se convertem em inimigas mortais, e o filho, ignorado, faz de tudo para se encaixar no projeto ambicioso da mãe. Apesar das aparências, o filme não está voltado à discussão de conflitos familiares, mas antes questiona padrões estéticos e evidencia aspectos críticos de uma sociedade voltada para o consumismo e para o lucro fácil. A seleção de candidatas é um show de horrores, em que as jovens são maltratadas e obrigadas a realizar cirurgias plásticas para se adaptar ao modelo idealizado pela indústria cultural. O materialismo exacerbado está presente até mesmo na religião adotada pela mãe para vencer em seus propósitos, uma igreja pentecostal, comandada por um pastor brasileiro que fala portunhol. Aliás, as duas únicas representações do Brasil nas películas se referem às congregações religiosas. Em “Os Inimigos da Dor”, os pastores surgem como uma gangue que transita pela cidade espionando as pessoas e organizando orgias.

O excelente drama “As Vacas com Óculos”, com pitadas de humor negro, sucesso de bilheteria em Porto Rico, traz o notável desempenho de um professor e consagrado artista plástico, solitário, arrogante, Marcelino Sariego (Daniel Lugo), o Marso, que descobre que vai ficar cego. Sua vida foi dedicada à carreira, e suas relações afetivas sempre foram um fracasso. Em seus últimos momentos de visão, ele tenta refazer a sua relação com a filha, que escreve livros de autoajuda sobre relacionamentos para se vingar do pai. Em seu despertar emocional, Marso pretende acertar contas com seu passado, que incluem a filha ressentida, os alunos ansiosos pela fama e um amigo intelectual e também pintor que esbanja culturaeurocêntrica, mas não consegue criar nada de novo. Um provável retrato da sociedade local. Nas palavras do diretor, Porto Rico, quase tornou estado dos EUA, é um “país de terceiro mundo que se considera estadunidense”, extremamente conservador. Ao final, Marso descobre que não é mais possível mudar nada, e acaba aceitando a inevitabilidade de seu destino. A pintura está presente na película não como reflexão sobre a arte, mas sobre a vida e a morte.